

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LX



orações de sapiência da Universidade. Essa nova disciplina, cuja doutrina se veio a afirmar com o rodar dos anos, descreve-a Rui Marcos na p. XLI.

A terminar este estudo introdutório, uma interessante e oportuna reflexão sobre a ideia de Universidade que efectivamente se desvela das orações proferidas na Sala dos Capelos, e ainda o alerta para o desmoronamento da *universitas scientiarum*, após o “traje complexo do conjunto de cursos superiores especializados” que a universidade passou a envergar (p. LXIII).

O livro de Maria João Padez e Rui de Figueiredo Marcos é porém um resultado inequívoco do espírito que efectivamente anima a *universitas scientiarum*.

MARGARIDA MIRANDA

DEACY, Susan, *Athena*, London/New York, Routledge, 2008, 175 pp. ISBN: 0-415-30066-5

Athena é o mais recente título da colecção *Gods and Heroes of the Ancient World*, publicado pela prestigiada casa Routledge, seguindo-se a estudos dedicados às figuras de Zeus, Prometeu, Medeia, Dioniso e Édipo.

Sendo uma das divindades mais complexas e plurifacetadas do sistema religioso helénico, Atena pressupõe, necessariamente, uma “biografia” (ainda que este seja um termo rejeitado pela A., p.8) igualmente plural, longe da linearidade. Na verdade, é a própria figura a exigir-lo e S. Deacy apreende com eficácia essa necessidade, sendo bem sucedida na sua concretização. Bastará pensar que Atena é a “senhora da guerra”, ao mesmo tempo que lhe são atribuídas qualidades como a “justiça”, a “sabedoria” e as “artes”, além do patrocínio de cidades, de que Atenas é o exemplo mais conhecido. Mistura mais heterogénea do que esta seria difícil de obter e tal realidade deriva, como é evidente, do “passado” atribulado e pouco homogéneo da divindade. Se o panteão grego conheceu deuses que se identifiquem com a diversidade, Atena foi sem dúvida um deles.

Em termos de metodologia, S. Deacy inicia o seu percurso analisando os epítetos em que a deusa se reconhece. Como será de esperar, este é um método eficaz, dado que os epítetos, mormente testemunhados pelos poetas antigos, de Homero e Hesíodo aos trágicos, são por norma o resultado da expressão popular do culto, resultando na possibilidade de conhecer a forma mais incisiva o que os antigos gregos reconheciam em Atena. Como é sabido, a religião grega é adomgática, desconhecendo qualquer tipo de manual que defina as divindades dentro de limites estanques. Os deuses, como os mitos, constroem-se aos níveis quotidiano e regional, já para não dizer individualmente, dependendo sobretudo da piedade pessoal. Esta, por sua vez, é uma das áreas nebulosas no estudo da Religião Grega, pois são poucos os testemunhos que nos permitem o acesso às convicções religiosas pessoais de cada indivíduo. Neste sentido, o estudo de epítetos como *parthenos*,

glaukopis ou *tritogeneia* revela-se de importância primordial neste domínio. S. Deacy percebe-o e confirma-o. Na verdade, cada um destes atributos revela algo específico acerca da essência divina de Atena, na linha do que N. Loraux intuiu anteriormente, no estudo que escreveu para a obra dirigida por G. Duby, *História das Mulheres (O que é uma deusa?)*. Como nota ainda a A., nenhum outro deus, na Grécia, tem tantos atributos como Atena (p. 7).

Deacy estuda assim o nascimento da deusa, rubrica em que, necessariamente, mito e rito convergem de forma natural, mas em que também se processa uma história da história de Atena, evocando nomes incontornáveis nesse campo, como J. J. Bachofen e J. Harrison, bem como a forma como esses recorreram à deusa da sabedoria, na busca de legitimidade e validade às suas posições e ideias, aliás tão contestadas (pp. 17-32). O passo seguinte acerca-se da difícil questão das origens da deusa (pp. 33-44), confluindo aqui problemas historiográficos, arqueológicos e filológicos. Nenhum destes é dispensável em qualquer abordagem que se pretenda cientificamente séria, no âmbito desta problemática. S. Deacy prova-o, recorrendo e analisando as várias perspectivas em causa. Já menos fácil é encontrar uma resposta satisfatória para o problema, confirmando-se igualmente a sua complexidade: talvez Atena remonte a uma eventual pré-história matriarcal, talvez seja o resultado sincrético de divindades autóctones/mediterrâneas com as de povos invasores, ou talvez a reminiscência de divindades orientais. Estas são posições que encontram defensores e detractores com igual facilidade, sendo hoje umas mais aceites, todavia, do que outras (pp. 43-44).

Deacy dedica-se de seguida às funções de Atena no panteão grego (pp. 45-58), confirmando-se o carácter multifacetado da deusa, ao mesmo tempo que se salienta a abordagem que tem sido feita pelo estruturalismo. Em *Heroes, Heroines and the Trojan War* (pp. 59-73), a A. traz à colação um dos aspectos mais paradigmáticos da deusa: o companheirismo relativamente aos heróis épicos, designadamente a Ulisses. O estudo da ambiguidade que transparece no binómio “ajuda os homens/ataca as mulheres” (pp. 71-72) é particularmente interessante, dada a condição original de Atena, bem como a sua filandria.

Uma das áreas que mais estudos tem suscitado, porém, é a relação da deusa com a cidade de Atenas, em que a A. também reinveste, nos capítulos 5 e 6 (pp. 74-91 e 92-104). Destacamos, em particular, a relação que se faz com o problema do sinecismo e o papel da divindade nesse processo, que acabou por justificar o protagonismo da deusa na acrópole de Atenas, ao longo do século VI a.C. É por isso também que Atena acabou por se constituir na personagem central de todo o complexo urbano em causa (pp. 105-121). Além de Atenas, contudo, a filha de Zeus foi também cultuada noutras regiões do mundo grego antigo, como a Beócia e a Arcádia, ou cidades como Corinto, Micenas, Argos e Esparta (pp. 122-137). Susan Deacy faz questão de o recordar também.

O estudo de Deacy encerra com um interessante e importante capítulo acerca da “sobrevivência da deusa” em períodos posteriores, da Antiguidade Tardia/Cristã ao Renascimento e Iluminismo, estudando as suas principais metamorfoses ao nível do símbolo, da alegoria, nas artes plásticas e na literatura, até ao seu uso e abuso por parte dos *Gender Studies*.

O livro contém uma útil bibliografia comentada, seguida por uma bibliografia geral e um índice remissivo. Tendo em conta que se trata de uma introdução a um tema já suficientemente classificado como complexo, este estudo cumpre com eficácia o seu objectivo. É essa também a razão pela qual consideramos que seria desejável a sua tradução para português, como aliás a de todos os volumes desta colecção.

Resta-nos salientar que S. Deacy é uma especialista no estudo de Atena, como mostram outras publicações da sua autoria: e.g. *Athena in the Classical World* (2001) e *A Traitor to Her Sex? Athena the Trickster* (no prelo).

NUNO S. RODRIGUES

FERRARI, Franco (ed.), *Socrate tra personaggio e mito*, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 2007, 256 pp. ISBN: 978-88-17-01689-6

Da sempre Socrate viene considerato il simbolo della filosofia occidentale, il punto di riferimento di ogni tradizione di pensiero. La straordinaria varietà delle immagini che di questo filosofo si sono susseguite nel corso dei secoli si deve però non soltanto al suo straordinario carisma, ma alla singolare circostanza che egli non lasciò nulla di scritto, preferendo affidare alla parola viva tutto il suo magistero. Se innumerevoli furono le scuole di pensiero che si ispirarono a Socrate nel tentativo di farne rivivere l'insegnamento per le generazioni future, altrettanto numerosi furono coloro che lo avversarono più o meno apertamente, fino a determinarne la condanna a morte nel 399. Alla luce di una simile difformità di giudizio non deve quindi sorprendere che i ritratti che di questo filosofo furono tratteggiati nell'antichità siano diversissimi.

A queste diverse immagini è dedicata un'antologia di recente uscita, a cura di Franco Ferrari. Essa ci presenta il filosofo greco in tutte le sue sfaccettature: da un lato abbiamo il Socrate ciarlatano e imbroglione di Aristofane, dall'altro il Socrate modello di perfezione morale vagheggiato dai suoi discepoli diretti, primi fra tutti Platone e Senofonte (ai quali si rifà il Socrate di Aristotele, derivato quasi per intero dalla testimonianza platonica). Abbiamo poi, come scrive Ferrari in un approfondito saggio introduttivo (*Socrate e la filosofia*: pp. 11-68), “un Socrate scettico, come quello propagandato dall'Accademia ellenistica di Arcesilao e Carneade; un Socrate pitagorico e tendenzialmente dogmatizzante (e interessato alla demono-